

BIBLIOTHECA BRAZILEIRA

BIBLIOTHECA BRAZILEIRA

(EMPRESA EDITORIAL)

N. 2 - AGOSTO - 1878



MOSAICO

POR

DIVERSOS AUTORES



RIO DE JANEIRO

Typ.—Academica—rua Sete de Setembro n. 71

—

1878

AO PUBLICO

Ao publicar o segundo volume da Bibliotheca Brasileira, a empresa faltaria a um sagrado dever, não agradecendo ao publico a benevola aceitação que deu ao primeiro, e a algumas redacções as phrases amigas e lisongeiras que lhe dispensaram.

Fal-o agora, esperando que lhe seja concedido a este e aos seguintes volumes o mesmo acolhimento que teve o primeiro.

A EMPRESA.

A MASCARA DE GESSO

CONTO PHANTASTICO

Uma noite estavamos quatro reunidos no gabinete de uma das nossas mais festejadas artistas.

Noemia, a seductora actriz, acabava de desempenhar no theatro um desses papeis creados pela phantasia do poeta, impossiveis sem duvida na realidade da vida, mas que produzem sempre effeito no animo das platéas.

No ultimo acto do drama, Noemia tivera de apparecer aos espectadores vestida de negro, pallida, desgrenhados os cabellos, as faces cavadas, e fundos e empanados os olhos, como uma visão de além tumulo, mais sombra do que mulher, mais ficção do que realidade.

Naquella scena desenvolvêra Noemia tamanho talento, que o effeito fôra completo : a actriz desaparecêra ; rapresentára o espectro.

Findo o espectáculo, acompanhámol-a á casa, Estanisláo Pimentel, o actor consciencioso tão justamente applaudido, e tão cedo roubado á vida, M..., o mimoso folhetinista, e eu.

Noemia fizera servir o chá em seu gabinete, onde permanecêmos depois, entretidos em uma dessas variadas palestras que eram alli habituaes.

A conversação voltára naturalmente sobre o genero da peça em que a interessante actriz conquistára. naquella noite novos louros para o seu diadema de gloria.

Negava M... com pértinacia e cerrada logica a possibilidade do personagem representado por Noémia. A espirituosa actriz, com aquella linguagem facil, tão singela quanto graciosa, e que fazia uma das mais brillhantes seducções que possuia, sustentava a verdade do papel.

Durava já alguns minutos a discussão, quando Noemia, voltando-se para o actor, que até então conservára-se silencioso a fumar no canto de um divan, e como alheio ao que se fallava no gabinete, perguntou-lhe sua opinião.

— Eu creio no espectro ! respondeu Estanisláo, dando á voz uma harmonia lugubre e tal accentuação de verdade, que não ousámos rir.

Apenas o folhetinista fez um gesto de negação.

— Creio, porque vi ! accrescentou o actor.

E depois, com voz mais lobrega ainda e certo tom cavernoso, ajuntou como sob a pressão de uma dolorosa reminiscencia:

— E senti !...

Seguiu-se um momento de silencio.

Passados, porém, aquelles primeiros instantes, a espirituosa actriz prorompeu em estrepitosa gargalhada, em que imitámol-a M... e eu.

Mas o actor, erguendo-se hirto, bradou :

— Não riam-se, que não minto !...

A' uma fitámos então os olhos nelle.

Estava terrivel de vêr-se.

O semblante decompuzera-se-lhe, cobrindo-se de estranha lividez, seus cabellos estavam herçados. Nos olhos tinha aquella expressão assustadora do pavor, e a boca, entreaberta e deixando apparecer os dentes alvos, contrahia-se-lhe em franzimentos angustiados e dolentes.

Elle erguêra-se de um só movimento, como si fôra impellido por estranha força, e conservára-se de pé.

Nenhum de nós tres ousou approximar-se-lhe ; ninguém ousou rir, nem se atreveu a fallar-lhe.

Após alguns momentos de completa immobildade Estanisláo estendeu o braço, tomou de sobre a mesa um copo d'agna e esvasiou-o com devoradora anciedade. Em seguida sacudio os bastos cabellos negros e pôz-se a cruzar silencioso o gabinete.

Nós olhávamos para elle, e não procurávamos sequer com a palavra, com o menor gesto, pôr um termo áquella agitação.

Parecia que recebíamos no animo a contra-pancada da emoção, qualquer que ella fosse, que daquelle modo operava no espirito do actor.

Alguns minutos decorreram assim.

Finalmente Estanislão pareceu ir serenando e, approximando-se do grupo que formávamos a um canto do gabinete, sentou-se junto de nós, e disse com certa irritação na voz :

— Ouçam !

Depois, como fazendo um esforço sobre a propria vontade, começou a fallar assim :

«—Ha cinco annos que isto foi.

« Passára a tarde na officina do Querino, o habil esculptor que todos nós conhecemos, e alli impressionára-me a mascara de uma mulher, vasada em gesso, que pendia entre outras na parede escura.

« Olhára distrahidamente para todas aquellas figuras, mas a minha attenção fixava-se com irritante pertinacia na mascara de mulher. Não sei si pela posição por que ao acaso fôra pendurada alli, não sei si pela gradação frouxa da luz que recebia, ella sobresahia ás outras.

« Devêra ter sido formoso o semblante morto sobre o qual fôra moldada aquella mascara. A morte,

gelando-lhe a fronte ampla, não conseguira apagar de todo o sorriso com que a sua victima acolhêra-lhe talvez a approximação. E naquelle sorriso que sobrevêra havia um certo tom de escarneo, ou antes uma pungente ironia que lhe crispava os labios, arregaçando-os no canto da mimosa boca.

« Tudo isto notava eu, e vezes havia que a imaginação por tal modo se me prendia á expressão gravada na mascara, que chegava a suppor-a viva e como que entrevia movimentos vagos, indecisas contracções naquelle semblante de gesso.

« Querino notou a persistencia com que eu fixava o molde, e em uma das vezes em que mais presa eu tinha nelle a attenção disse-me o esculptor :

« — Era uma linda mulher.

« — Era ? perguntei eu.

« — Pois si morreu !

« — Ah !

« Passaram-se alguns momentos, durante os quaes não afastei o olhar da mascara, e tornei a perguntar :

« — Aquella mulher morreu ?

« — Já te disse que sim. Ha seis mezes.

« — É pena ! murmurei.

« Entraram então algumas pessoas na officina, e eu logo após sahi.

« Durante o resto da tarde, á noite, durante o

espectaculo, não se me afastava da idéa a lembrança daquelle rosto.

« Era uma perseguição desesperadora, a que não podia esquivar-me.

« Tinhamos tido essa noite spectaculo no Lyrico. Eu entrára no ultimo acto, até á ultima scena, e demorára-me no camarim lavando-me e vestindo-me, de modo que fui talvez o ultimo a sair.

« Dirigia-me para casa, quando ao deixar o campo, descendo para a cidade, distingui a pouca distancia de mim e caminhando á minha frente, no mesmo sentido que eu, um vulto de mulher.

« Moço, ardente, impetuoso, apressei o passo e approximei-me della.

« A noite era de luar: mas naquelle momento uma ampla nesga de nuvens sombrias occultava a lua. Não obstante, havia claridade bastante para eu adivinhar uma mulher moça naquella que caminhava perto de mim.

« Trajava de negro.

« Era esbelta. De estatura elevada, delgada e flexivel, mais a resvalar do que caminhando, cingia-se como de uns tons vaporosos e subtis, o que realizava aquella idéa da conhecida gravura da *Virgem da noite*, onde ha a luta da sombra com o corpo, em que a fórma some-se na nuvem, em que a nuvem

desenha a fôrma. Especie de sonho através da invisibilidade.

« O semblante não lh'o podia eu distinguir. Denso véo da côr do vestido cahia-lhe ao longo das faces em espessas pregas.

« Mas devia ser bella. Que o era, sentia-o eu.

« Caminhei a seu lado em silencio durante alguns minutos, e notei que nenhum gesto de esquiva ella fizera.

« Aquella indifferença, ao mesmo tempo que impunha-me respeito, incitava-me o espirito.

« Mas era moço, já disse, e o sangue nessa idade desconhece a razão.

« Fallei-lhe.

« Disse não sei que trivialidade dessas que são tão communs em condições identicas.

« Não obtive resposta.

« Mas, se ella não respondeu, não se mostrou tambem esquiva.

« Insisti.

« Sempre o mesmo silencio.

« E deste modo, ella calada, eu continuando a fallar-lhe, descêmos juntos até o Rocio.

« Aquelle silencio pertinaz, aquella calma sombria, produziram em mim nervosa irritação.

« Entrevira uma aventura facil, encontrava a indif-

ferença, a resistencia mais difficil de vencer. Entendi que devia romper.

« E, pois, disse-lhe despeitado, mas disfarçando o despeito com certo tom displicente :

« — Ora tenho sido parvo ! Gastar o tempo em fazer a côrte a uma mulher feia !... que estupidez !...

« Havia brutalidade nesta phrase.

« Esperava eu que ella se agastasse e seguisse direcção opposta.

« Pois não foi.

« Parou e endireitou-se com a altiva imponencia de uma douda.

« Depois, com a mesma graça e altivez no gesto, ergueu de um só movimento o véo.

« As nuvens tinham-se espalhado no céu, descor-tinando a lua, e os raios daquella luz reflectida cabiam obliquamente sobre o logar onde paráramos.

« Ao movimento feito por *ella* eu me approximára.

« Apenas, porém, fitei os olhos no seu semblante, recuei horrorisado e tremulo, curvando-me para o chão.

« Sobre aquelle corpo gentil, sobre aquelle collo onde eu sonhára a mais faceira e graciosa cabeça, repousava a mascara de gesso. »

Estanisláo calou-se. Limpou o suor que lhe corria da raiz dos cabellos, e depois de passados instantes continuou :

« — E era bella aquella mulher, proseguio elle.

« Foi ha cinco annos, e tenho ainda nos recessos da memoria gravados aquelles traços puros e correctos da sua divinal formosura.

« Supponham um semblante de marmore, e essa alvura augmentada ainda pelo clarão do luar. Nesse semblante de ideal belleza imaginem uns olhos negros, mas de um brilho avelludado e frouxo, como o dos olhos que ainda não extinctos parecem estar olhando já para a vida de além. Depois a boca contrahida em um sorriso entre ironico e pungente, mas em labios descorados, quasi sem vida.

« E era bello aquelle semblante ; mas da belleza da morte ! Havia nelle não sei que angelica candura que attrahia, ao mesmo tempo que despertava a idéa do cadaver !

« Ao vêr aquella mulher, por semelhante hora da noite, trajada de negro, acreditava-se na sombra fugida de alguma tumba !

« Tinha o encanto da mulher que seduzia, mas revestia o funebre prestigio da visão que afastava. Parecia feita de um raio de lua e envolta em uma dobra de nuvem. No clarão que a illuminava adivinhavam-se fogos fatuos.

« Não sei quanto tempo durou aquella fascinação. Quando ousei erguer novamente os olhos, ella afastava-se ao longe.

« Apoderára-se de mim estranha vertigem. Sentia arrastar-me para ella, como a attracção que experimenta-se á borda do abysmo. Eu não exercia uma vontade : obedecia. Mulher ou sombra, estatua ou cadaver, cumpria que fosse minha.

« Havia nesta irritação uma animalidade feroz.

« Segui após ella.

« Momentos depois eu a tinha alcançado.

« Ella voltára a rua dos Invalidos, e parára em frente de uma porta que se conservava fechada.

« Ao approximar-se voltou-se para mim e disse-me :

« — Persiste ?

« Era a primeira palavra que pronunciava. Nunca mais ouvi fallar assim. A voz sahia-lhe como sumida e coada. Era mais sôpro que voz. Tinha ás vezes accentuação de gemidos, mas graduada com exquisit^a harmonia. Ao mesmo tempo que encantava o ouvido, produzia no animo sepulchral impressão. Parecia vir através de mortalhas.

« A sua voz participava daquelle pavoroso prestigio do cadaver, que lhe marcava o semblante livido.

« — Persiste ? perguntou ella.

« — Sim ! respondi, procurando disfarçar no lacinismo da phrase o calafrio que aquella palavra fez-me coar nas veias.

« — Sabe a quanto se expõe ?

«— Não, mas não importa. Aceito tudo !

«— E si no fim houvesse a morte ?

«— A morte ! repeli com um novo estremecimento.

«— Sim.

«— Morrêra !

« Ella pareceu contemplar-me por alguns segundos ; meneou tristemente a cabeça, e murmurou em uma daquellas accentuações dolentes do gemido :

«— Mas o senhor é tão moço....

«— E tu és tão bella !

« A amargura acrimoniosa do sorriso, que então franziu-lhe o labio, não se descreve. Sente-se-lhe o effeito doloroso pungir no coração.

«— O senhor tem um futuro....

«— Quero que seja o teu.

«— O meu !....

« E seus labios fizeram um desses movimentos que traduzem a displicencia.

« —. o meu futuro é — o desmanchamento do cadaver !

« Estas palavras foram ditas com uma accentuação tão lugubre, que percorreu-me o corpo um estremecimento de morte.

« Mas a decisão estava tomada. Não vinha de mim. Era estranho poder que m'a impunhá. Assim, respondi :

« — Embora ! ainda que eu te sinta cadaver des-

fazendo-te em meus braços ; ainda que eu me decomponha comtigo, aceito !

« — Pois segue-me ! disse ella com voz incisiva :

« E penetrou na casa, cuja porta abrio-se sem que eu visse como.

« Entrei após ella.

« Subimos longa escada e parámos afinal em uma vasta sala, illuminada por quatro grandes candelabros ; mas cuja luz amortecia-se, coada frouxamente através de espessos véos.

« Ao tom suavizado daquella luz os moveis tomavam aspecto pesado e sombrio, e nas cortinas do leito, levantado em meio do aposento, desenhavam-se figuras estranhas, que moviam-se com desesperador capricho á mais leve agitação do estofa, ao tremor mais subtil da chamma das velas.

« O ar alli dentro era quente e saturado de um perfume subtil, e que se entranhava no olfato com dolorosa suavidade, de modo que, em vez do langor, que habitualmente produzem os cheiros melindrosos, causava uma acerba irritação no cerebro.

« A minha phantastica visão sumira-se por momentos, deixando-me a sós.

« Vinham-me então impetos de fugir. Chegára mesmo a erguer-me ; mas sobrenatural attracção prendia-me e obrigára-me a ficar.

« Tudo estava silencioso. Apenas o movimento

da pendula de um relógio denunciava vida naquella sala.

« Entretanto esse relógio, que era o unico a romper o silencio alli, tinha o ponteiro persistentemente fixo na hora da meia-noite.

« Afinal consegui fazer um esforço sobrehumano, ergui-me e dirigi-me para uma porta que me pareceu ser aquella por onde houveramos entrado.

« Ia transpôl-a, quando a mais seductora visãõ conteve-me o passo.

« Era ella.

« Estava em frente de mim, sem o véo que lhe tapava o rosto, sem as roupas negras que amortalhavam-lhe o corpo, tal como a primeira mulher apparecêra ao primeiro homem, como Phrynéa mostrára-se aos velhos juizes no tribunal de Athenas.

« Recebi-a nos braços, ebrio, febril e convulso, apesar do frio que ao seu contacto me arripiava os labios, tocando nos labios della ! »

O actor interrompeu-se, derreou a cabeça no respaldo da cadeira, e, semi-fechando os olhos, entregou-se por momentos á intima meditação, como se a memoria lhe estivesse reproduzindo as emoções todas daquella noite.

Elle fallava com tamanha impressão de verdade, a sua **physiõnomia** revelava tão ao vivo os sentimentos

que exprimia com a palavra, que a nossa attenção estava presa, e nenhum de nós se atrevia a interrompê-lo.

Depois proseguio, enxugando a fronte suarenta :

« — Foi uma noite infernal !

« Todos os prazeres, todos os sonhos, todas as doces agonias, tudo experimentei naquella noite de febre e delirio !

« Ella sentia ! Naquelles estremecimentos, naquelles espasmos soluçados, naquellas contorsões do gozo arfava-lhe o seio tumido, e os ossos estalavam-lhe nas vibrações da sensualidade.

« Ao recebê-la nos braços estava pallida e fria. Depois... a febre incendiára-se, formára-se a vida, fervêra o sangue e o cadaver gozava.

« Era uma cobra que se enroscava nas sensações cruentas do prazer, e que sugava a vida no proprio veneno que nos consumia a ambos !

« Quando, languido e exaustão, seu corpo desprendeu-se dos meus braços, e a cabeça rolou-lhe no travesseiro, quiz com os labios sedentos ainda cevar nos labios della os ultimos resaibos de volupia. Nesse momento, porém, desprendeu-se o véo de um dos candelabros, e ao clarão, que de subito illuminou o aposento, vi de novo, pronunciados, distinctos, em vez daquelles labios quentes e humidos de lascivia, os amargurados e descorados labios da mascara de

gesso ; em vez daquelle semblante divino, de olhos languidos e negros, o semblante livido e olhos cavados da mascara do cadaver !

« Ergui-me horrorisado e fugi.

« No dia seguinte despertei em minha casa.

« De nada me recordava. Sentia apenas o corpo cansado e o semblante pallido e desfeito.

« Querendo vêr a hora, em vão procurei o meu relógio. Ou m'o haviam roubado, ou eu o tinha perdido.

« Dirigi-me á outra sala, onde havia uma pendula.

« Estava parada, e o ponteiro marcava as doze horas.

« Então acudio-me de subito á memoria toda a occurrencia da noite antecedente.

« Vesti-me e sahi.

« Em caminho encontrei o esculptor meu amigo.

« — Aquella mulher é morta ? foi a minha primeira pergunta.

« Querino parou, fitou-me com sorriso ironico que lhe é habitual, e por sua vez me perguntou :

« — Que mulher ?

« — A da mascara de hontem.

« — Ah ! pois como queres que t'o diga ?

« — Mas tens a convicção de que ella morreu ?

« — Affirmo-te que sim. Ha seis mezes. Eu proprio moldei a mascara que viste.

«— Pois eu affirmo-te que te enganas !

«— Oh ! exclamou o esculptor encarando-me admirado. E que razões tens para affirmal-o ?

«— Vi-a hontem.

«— Viste-a ?

«— Ainda mais: passei a noite em seus braços.

« Querino olhou-me fixamente, sorriu com desdem, encolheu os hombros e afastou-se lentamente, murmurando :

«— Estás doudo !

« Tinha elle dado alguns passos quando o tornei a chamar. Approximei-me e perguntei-lhe :

«— Dize-me uma cousa. Onde morava ? Aonde foste tirar-lhe a mascara ?

«— A' casa onde ella morreu, na rua dos Invalidos.

«— Oh ! então não morreu, é ella !

«— Decididamente estás doudo repetio Querino.

« A opinião que elle formava de meu espirito não me offendia. De nenhuma informação mais eu carecia. Deixei-o, pois, e segui para a rua dos Invalidos.

« Ao chegar á casa, onde passára a noite, deparei com a porta fechada.

« Bati. Ninguem me respondeu.

« Um homem que passava fez-me vêr que a casa

estava para alugar, chamando-me á attenção para os escriptos que tinha ás janellas, e que na minha perturbação eu não vira.

« Um outro escripto na porta indicou-me onde estava depositada a chave. Guardava-a um padeiro da vizinhança.

« Dirigi-me a elle e perguntei-lhe pela pessoa que na vespera morava alli.

« Respondeu-me que a casa achava-se vazia havia seis mezes.

« Insisti; elle persistio. Fiz-lhe vêr que eu passára a noite lá. O homem sorriu compadecidamente e voltou-me costas.

« Pedi-lhe então a chave, e elle não só m'a entregou, como acompanhou-me á casa.

« Subimos. Em uma grande sala, que ficava no centro da casa, reconheci aquella onde passára a noite.

« Sómente estava despida de moveis.

« A duvida, porém, não podia subsistir, nem para mim, nem para o padeiro.

« No chão, em meio do aposento, no logar onde devêra ter estado o leito, deparamos com o meu relógio.

« O relógio, para mais convencimento nosso, estava trabalhando. Apenas os ponteiros tinham ficado fixos n'a hora da meia-noite.

« Sahi d'alli verdadeiramente louco e dirigi-me á casa. Mais tarde ganhou-me uma febre impetuosa, e pela manhã do dia seguinte eu estava morto ! »

Quando Estanislão pronunciou esta ultima palavra quizemos rir.

Mas seu semblante revestira tal aspecto cadaverico, que nos contivemos e instinctivamente recuamos delle, approximando-nos um dos outros.

Depois de gozar por alguns momentos ainda da nossa estupefacção, o actor soltou estrepitosa gargalhada, accrescentando :

— Não se assustem : foi um sonho. De real em tudo isto ha apenas—a mascara de gesso.

V COARACY.

Segunda-feira

OFFERECIDA AOS JUCAS

E' terrivel, não é? depois da pandega
Qu'em domingo faz gente gallofeira
 Vir a segunda-feira
Obrigar o mortal a trabalhar?!...
Oh! deos da boa vida, que n'alfandega
Não pagas os direitos de consumo,
 Oh! vem me auxiliar
A guardar na existencia o fio a prumo.

Eu te conjuro, ó deos; sou teu vassallo,
Teu humilde criado e servidor;
 Servirei de badalo
Ao sino que tanger em teu louvor;
Mas, deos da boa vida, por favor
Ao depois de um domingo e brincadeira
 Não põe segunda-feira!

Pois tu não sabes, *bon vivant*, não sabes
Que o melhor desta vida é a folia,
E qu'embora o domingo á noite acabes
A gente faz domingo n'outro dia ?

Portanto em vão, em vão . . .

A gente que nasceu p'ra ser barão
Não atura, senhor, a bandalheira
De, sahido um domingo,
Chegar segunda-feira !

Póde o chefe de policia não querer
Que haja de noite ceia,
E assim abelhudo ir-se metter
Sem ser chamado n'algibeira alheia :
Mas ah ! nem com urbanos, permanentes,
Nem com a conferencia mais fecunda,
Póde o chefe impedir ás livres gentes
De fazer um domingo na segunda !

O' mimosa preguiça,
Acaso não te amola a tyrannia
Do governo cruel que ao Papa atiça
P'ra tirar dias-santos ?
Eu protesto com toda a galhardia
E prometto, senhora, e o digo á fé,
Que sem temer azares nem quebrantos
Heide fazer com toda a bizarria
Feriar São José !

Mas attendei, porém, vós que os meus cantos

Attentos escutais,

Eu não quero que haja algum engano

Que vos provoque ais ;

Si acaso São José em algum anno

No domingo cahir,

Eu devo prevenir :

Os seus louvores

Lhe faremos em terça, meus senhores !

Deosa da bagatela,

O' deidade patusca,

Quando tu m'encontrares na janella

Ah ! vem me perguntar si é na segunda,

E então algum consolo dar-me busca,

Pois ah ! mimosa, é dia

Em que minha pobreza gemebunda

O patife do trabalho principia.

JUCA.

A' mocidade

A JOÃO DE ALMEIDA

Oh juventude, oh flôr que pouco vive !
Quadra do casto amor, da poesia
Verdadeira, espontanea e pura e virgem !
Do outono o gêlo esfria-me os arroubos,
Mas eu inda te invoco, inda me aqueço
Aos teus longinquos, merencorios raios !
Mocidade gentil, tu és o enlevo,
O encanto da existencia ; em teu regaço
O mundo é um paraiso, um céu aberto !
Ao teu aceno mil phantasmas surgem,
Bem como ao *passee* da varinha magica
Dos *Contos Orientaes* — huris e fadas ;
As illusões pollulam, brotam flôres
Do rochedo mais arido e maninho ;
O céu é sempre azul, o mar tranquillo,
Tepida a aragem, brandos os regatos
Que suspiram de amor pelas campinas,
A' sombra do arvoredos.

Das estrellas

Cahe tanta luz nas noites silenciosas,
E o silencio da viva natureza
Diz-nos tantos segredos de ventura
Da mocidade na encantada estancia !

Juventude feliz, dos teus descuidos
Eu já gozei tambem : hoje a saudade
Do teu passar tão rapido me trava
De amargor o restante da existencia ;
Tu és a *primavera* e já o *outono*
Me toma a vida em meio, e em breve agora
O *inverno* e seus rigores hão de o resto
Encher-me do viver, si a fria morte
Os ossos meus não recalcar no tumulo.

Bem como a *flôr do baile*

Que só á noite os seios perfumados
Abre e derrama o peregrino aroma
Que as almas embriaga e em pouco murcha,
Assim a mocidade as almas embalsama,
E em breve é sombra vaga, é uma saudade,
Que deixa um vacuo enorme que o futuro
Nunca mais encherá. Os ferreos dias,
Que se seguem depois, são lentos, frios,
Embora a gloria, as ambições de mando
E outras idéas vãs encher o queiram :
Nada mais tem o encanto indefinivel
Da quadra sorridora da esperanza,
Em que o toque da fimbria de um vestido,

Uma flôr esquecida, um olhar vago,
Uma palavra a medo murmurada,
Um aperto de mão a furto dado,
Têm tal valor, deixam tal sulco n'alma,
Que depois só se vive da lembrança
Desses *nadas* subtis que valem tanto!
São flôres que a voragem arrebatam,
Pedacos d'alma aqui e alli deixados
Nas urzes do caminho! sonhos, sombras,
Que se esvaem depressa ao frio sôpro
Das miserias da vida. As esperanças
Cahem sem azas, fulminadas, mortas,
Como um bando de pombos viajores
Que um raio aniquilou quando voavam;
Tudo é frio, pesado, inerte, mudo,
Depois que passa a época risonha,
Tão curta quão feliz, — da mocidade.

TEIXEIRA DE MELLO.

Campos, 1868.

Meditação

E' noite.

**Na terra silencio e trevas, no céu estrellas e azul.
Dorme o homem e Deos vela.**

**No somno daquelle revela-se a sua fraqueza, como
na vigilia deste transparece o seu poder.**

**Succumbe o rei da criação ao cansaço, prostra-se
perante a materia, que o abate, e dorme ; ergue-se
o Creador com a magestade de sua omnipotencia, e
no resplendor de sua gloria vela.**

E' noite.

**A terra é silencio e trevas, o céu estrellas e azul.
Dorme o homem.**

**E o poeta, que não é o homem da natureza, que
não é o Deos dos mundos, vela e cogita.**

**Acendeu-lhe o Creador no cerebro a scintella do
genio, cercou-lhe a fronte com a corôa do martyrio,
e adornou-lhe a dextra com a harpa das harmonias.**

E disse-lhe : canta !

E a fibra do coração dorido vibrou um som, o peito

arquejante solçou um suspiro, e a lyra gemeu um hymno.

A harpa das harmonias cantava o soffrimento antes de celebrar a vida.

Era o poeta que pagava á natureza o seu tributo de lagrimas.

Subito inunda-lhe a fronte a inspiração divina.

Nem fôra justo que o primeiro harpejo da lyra fosse seu canto de morte.

Chora Jeremias sobre as ruinas de Sião, eternisa David as glórias de Jehovah.

E sob os dedos do rei contricto a harpa já não geme, canta ; já não chora, exulta !

Salve, poetas do passado, prophetas do futuro !

A posteridade guarda teus hymnos, como teu povo a arca santa.

Ainda hoje o homem chora contigo, cantor de Jerusalem ; ainda hoje és poeta, filho de Juda !

*

Homens do passado, sômbrias do presente, para que evoquei vossa memoria ? !

Ashaverus da historia, pertenceis a todos os tempos.

Hontem, hoje e amanhã é o mesmo grande dia de vossa gloria.

Para que lembrar-vos, se não sois esquecidos ?

Para que despertar do somno da morte quem
tanto soffreu no pesadelo da vida ?

Paz comvosco !

*

Ergue-te, sobranceira, alma mesquinha, que não
ousas quebrantar o circulo de ferro que te prende
à argilla.

Ergue-te ; é tempo !

A terra é silencio e trevas, o céu estrellas e azul.

Ergue-te ; e pensa !

Os globos de crystal, que recamam a cupola cerulea
do firmamento, começam o concerto das espheras,
a hosanna ao Senhor.

Do bosque sombrio e mudo, da natureza queda e
tranquilla, do universo silente e extatico, começa
a erguer-se o mystico murmurio, que é o hymno da
creação, linguagem sibyllina em que a materia paga
a divida de gratidão que o cahos contrahio e os
seculos solemnizaram.

Ergue-te, minha alma, e canta o Eterno !

*

Sombras das mattas que passeais nas trevas, pha-
lenas dos ares que adejais no espaço, parai.

Ha na carreira vertiginosa do tempo um momento
solemne.

E' o instante em que o rei da criação, esse

mixto sublime de fausto e pobreza, de orgulho e miseria, prostra-se ante a magestade divina.

E' a hora da contricção.

Luminares silentes, do universo, brandões acesos pela mão do Omnipotente, brilhai, resplandecei.

Allumiai o homem abatido, o orgulho conculcado pela grandeza de quem vos creou.

Brilhai, astros da noite, archotes sagrados do templo, cujas abobadas gigantescas vão repercutir o cantico do crente, a melopéa do christão.

Resplandecei, gloria do Eterno que a materia succumbe, e o espirito triumpha !

*

E' brilhante o altar.

Os cirios ardem e Deos assiste.

Nem abobada mais azul teve templo christão ; nem incenso mais puro thuribulo sagrado.

Nem mais effluvios tem o ambiente ao cahir da tarde ; nem mais encantos o dia no romper d'alva.

Rescende a brisa no perpassar ligeira ; suspira a lympha a deslisar serena.

Não fôra christão o peito que não pulsasse de gozo ; não fôra crente a alma que não parasse em arroubo.

A natureza parece ter concentrado sua attenção, e tudo queda.

No emtanto a harpa jaz muda sem desferir uma nota ; no emtanto o poeta sente e scisma.

Na nuvem que lhe tolda a fronte ha um qué de tristeza infinda.

E' a expressão tacita de um pensamento intimo.

E esse pensamento não é de Deos.

Segue-lhe a alma a corrente impetuosa das idéas que lhe fervem no cerebro, que o matam no coração.

E o altar é brilhante.

E o indigno sacerdote é mudo.

No emtanto os cirios ardem e Deos assiste.

*

Scintilla imperecivel na natureza fragil, insuflação divina que animas a argilla humana, alma altiva que te ensoberbeces de tua origem, que é feito de teu orgulho ?

Onde está a vaidade estulta de teu poder, onde o desvanecimento de tua superioridade ?

Devassa os plainos do infinito o condor arrojado, mas a morte o prostra ; topeta com as nuvens o gigante das florestas, mas o raio o fulmina.

E como o condor arrojado, e como o gigante das florestas, a alma cabe prostrada no soffrimento.

Soffre e chora.

E cada soffrimento é o soluçar de uma angustia, e cada lagrima o estertor de uma agonia.

Mas a harpa jaz muda, e o poeta sente e scisma.

E' que a dôr intima e funda emmudece o labio, confrange o coração até a estrangulação das fibras, immobilisa a dextra e inutilisa o flectro que cabe por terra.

A arca do peito fôra pequena para conter um coração que agonisa ; como o leito de um rio as vagas em tempestade.

A harpa é muda, e nem pudera fallar ; e o poeta scisma, que o canto lhe fôra a morte.

Perdoai-lhe, Senhor !

*

Cadeia insolúvel de fraqueza e de dôres e prantos, porque fizeste, Deos dos orbes, a creatura humana tão fragil, e o calix das agonias tão repleto ?

O martyr de Olivete não seria o Christo da Redempção, se o mysterio de sua natureza não o fizesse Homem-Deos.

O rei da criação leva ao Golgotha da angustia o seu peso de tormentos ; mas o peso recresce e os tormentos multiplicam-se, e, Sisypho impotente, o homem não consurama o sacrificio.

E o condemnado da fabula é o crente da doutrina do Calvario.

Ergue a fronte, e, cheio de confiança em si e em

Deos, levanta o lenho de sua fé, e vai caminho do martyrio.

Mas as forças cedem, e a cruz abate-se por terra.

Novo esforço, mas novo esforço baldado.

E' o verdadeiro suppliciado das crenças pagãs..

Não é eterno o tormento, porque não fôra eterna a bondade divina.

★

E' noite.

A terra é silencio e trevas, o céu estrellas e azul.

O altar é brilhante.

Os cirios ardem e Deos assiste.

No entanto a harpa é muda, e o poeta sente e scisma.

Luminares do céu, sombras do bosque, phalenas dos ares, respeitai-o.

A scisma do poeta é o seu hymno ao Eterno

Cada pensamento que lhe abala o cerebro, cada gemido que suffoca no peito, é uma nota muda do canto sublime de angustias que a voz não pudera entoar.

Em cada lagrima que lhe queima a face, em cada espinho que lhe punge o coração, Deos descobre um tributo amargo de fraqueza que recolhe em seu seio de bondades.

Deos e o homem communicaram-se, e o laço santo dessa pratica foi a meditação, essa mysteriosa con-

centração da alma, que o philosopho ensina, mas que não comprehende.

★

A natureza parece ainda attenta, e os echos silenciosos.

As lampadas do templo ainda brilham, e as brisas e as lymphas ainda preparam o acompanhamento monotono e suave do cantico inspirado.

Mas a harpa jaz muda, e o poeta ergueu-se.

Passa pela frente a mão fria, e sacode as bagas de amargoso suor.

Seus olhos fitam a immensidade dos paramos azues, brilhantes de fé.

Irradia-lhe no semblante a luz da crença, como lhe alvorece nos labios o riso da esperanza.

O hymno terminára em suas mudas estrophes.

E a harpa não geméra.

O poeta não cantára.

E Deos ouvira !

1870.

SILVIO MINIMO.

Analogia

Entre Elisa e a pimenta
Acho tanta semelhança,
Que quando a moça me tenta,
Vem-me a pimenta á lembrança.

Si a donzella se agonia,
Da fructa assume o rubor ;
E p'ra mais analogia
Têm ambas o mesmo ardor.

Quer que uma e outra excite
O destino alterações
A pimenta — no appetite,
Elisa — nos corações.

Afinal, si mais se attenta,
Tanto accordo se divisa,
Que, como Elisa é pimenta,
Tambem a pimenta é *lisa* !

FERREIRA LEAL.

Nossa Senhora de Nazareth

(PARÁ)

Por docel tinha as ramagens
Fagueiras do palmeiral,
Por altar o chão silvestre
Do abandonado areial,
A imagem, que estremeçada
Do indio acordou a fé,
A que hoje inda dos lares
Das preces ouve os cantares,
A virgem de Nazareth.

O gentio entre as folhagens
A santa image' encontrou ;
Por seu fulgor seduzido
Na areia o corpo curvou ;
Era bello, era divino,
O rosto, seu divo olhar,
Nos labios — risos brincavam,
Junto aos pés s'entrelaçavam
As rosas no seu altar.

Dos sitios em romaria
A gente veio ao sertão,
E p'ra matriz foi levada
Santa imag' em procissão,
E os gentios que seguiam
A romaria da fê
Como nós, christãos, sentiam
Que as luzes de Deos sorriam
A' virgem de Nazareth.

Foi a festa da alegria
No deserto de encantar,
Todos ao templo corriam,
T dos queriam rezar;
Mas veio a noite e cerrado
Da ermida foi o portão,
E os fieis que não rezaram
Junto ao templo pernoitaram,
Ao relento, no sertão.

De manhã, á luz da aurora,
Abrio-se o templo aos fieis,
E anciosos junto ás aras
Todos correram de vez,
Mas logo sumida a imagem
Encontraram do altar,
E toda a ermida caçada
Foi em vão, e a gente ousada
Do sertão foi ao logar.

E então sob as ramagens
Do fagueiro palmeiral
A imagem santa encontraram
No quente chão do areial,
Tinha nas fimbrias das vestes
Inda o pó do viajar,
Nos pés a areia da estrada,
E a fadiga da jornada
Impressa no seu olhar.

E os fieis todos rezaram
A' virgem de Nazareth.
— E' milagrosa, diziam
Crentes gentios com fé,
A' ermida siga de novo
A Senhora em procissão,
E a caminho, em romaria
A' matriz da freguezia
Foi a santa do sertão.

Fechou-se o templo á noitinha
Como d'antes se fechou,
E o povo dos longes sitios
Ao relento pernoitou,
De manhã, aberta a porta,
Sem imagem vio-se o altar,
Logo ao sertão pressurosos
Foram fieis anciosos
Sem na ermida a procurar.

E lá a imagem sorria
Por baixo do palmeiral,
Inda nas fimbrias das vestes
Pousava o pó do areial,
Os feis enternecidos
Rezaram crente oração,
E no sitio bemfadado
Foi logo um templo elevado
Pelo povo do sertão.

E' a ermida do deserto
Onde a image' agora está ;
Dos sitios em romaria
Todo povo corre lá ;
E agora, jámais a areia
Cobre-lhe a veste e o pé ,
Bella sorri socegada
No altar e as preces ouve
A virgem de Nazareth.

JOAQUIM HELEODORO.

UMA HISTORIA

(FOLHA SOLTA)

Elvira era um anjo !

Se a visseis á tarde, quando o sol purpurêa as nuvens no occaso, e a noite surge envolvendo a terra sob as nevas do crepusculo, pensativa, a face reclinada, os olhos meigos de ternura e languidez, os labios tremulos murmurando a oração, que parece erguer a natureza, ao soar Ave Maria ; se a visseis, as tranças soltas sobre as espaduas de alabastro, o seio a arfar, vellado pela gaze transparente ; se a visseis, dobrarieis o joelho e lhe beijarieis a fimbria do vestido, crendo-a o anjo da melancolia.

E mais tarde, quando a lua rompe a cortina de nuvens alvas, e ostenta no azul do céu seu disco de prata ; quando a flôr inclina o calix odorifero, e a brisa soluça entre a folhagem canticos de amor ; lá, entre os canteiros floridos, divisarieis uma sombra, e nella tua fantasia veria o anjo da solidão ! Era ella !

E quando, no horizonte ennegrecido, o rubro clarão

da alvorada tinge o céu ; quando a aurora risonha e festiva apparece, e o orvalho desperta a flôr, rorejando-lhe a corolla adormecida ; quando radiante e fulgente o astro rei assoma afogueado no espaço, e quando através dos arbustos que bordam as margens do regato se escuta as vozes do sabiá canoro que entôa á aurora seu cantico de graças — flôr que desdenha os beijos da manhã, verieis um vulto a contemplar extasiado o espectaculo magestoso do romper d'alva e dirieis ser a deosa da madrugada enlevada ante seu proprio esplendor ! Era ella !

Um dia o poeta vio-a e amou-a. Vio-a, e os olhos ardentes, a mente em fogo, o coração em delirio, travou da lyra e entoou sentidas endeixas, e dedilhou melifluos accordes. Amou-a, e o peito crente, o labio tremulo, os olhos incendidos, suspirou-a nos sonhos dourados da imaginação, murmurou seu nome nos arroubos enthusiastas da paixão, e vio sua imagem no céu sereno de suas esperanças !

E no mar que quebrava a onda espumosa na arêa da praia, na aragem que perpassava fagueira entre os rosaes do prado, no gorgeio suave do passaro que echoava na campina relvosa, ouvia um nome, — o della.

Na estrella que scintillava, na torrente que serpjava, na flôr que desabrochava, via um rosto, — o della.

Mas um dia a lyra esquecida estalou as cordas que decantaram o amor ; a nuvem de ouro que matizava o horizonte da vida bronzeou-se, obscurecendo o firmamento ; a fronte pendeu pallida sobre o peito abatido ; os labios proferiram uma oração confrangidos pelo riso amargo do infortunio ; o écho repetio um gemido ; o cypreste ondulou a rama tristonha ; a lousa alvejou seu marmore sepulchral na solidão do cemiterio.... o poeta morrêra !

A noite vai alta. As salas illuminadas deslumbram ; a orchestra derrama torrentes de harmonia ; os pares voltejam no louco vortice da valsa.

Aqui côra a virgem, ouvindo a phrase mentida que balbuciam labios seductores ; alli vacilla a innocencia, sentindo prazeres ignotos, experimentando sensações desconhecidas ; acolá ostenta a galanteria os feментidos requêbros ; mais além desfallece a virtude e alça o collo a serpe da seducção, e, as faces em rubor, os olhos em languidez, os labios em tremores, o seio em volupia, se acende na mente um desejo, se alimenta no coração um gozo !

E' um baile.

Entre os pares trocam-se palavras, escapam-se suspiros e colhem-se sorrisos, e a timida donzella sente o chão faltar-lhe sob os pés, um fogo desconhecido lavar-lhe nas veias, hesita, treme... mas a orchestra

não pára... continúa, e no turbilhão fluctua seu vestido branco que o dilirio da valsa faz ondular !

Nas salas, grupam-se os cavalheiros em torno á rainha da festa ; prodiga e opulenta rainha !... A cada comprimento um gesto, a cada palavra um olhar, a cada jura um sorriso. Desvenda-lhe o collo a prostituta dos salões — a moda —, que ainda a obriga a mostrar d'entre as sedas o pé pequeno que calça delicada botina.

Ouve e não cora. Seria estranho e censurado.

E quem diria que a loureira futil e graciosa dos salões era a virgem meiga e melancolica da madrugada ? Quem veria na moça altiva e orgulhosa o vulto pensativo do luar ? Quem se lembraria da candida donzella que no crepusculo reclinára a fronte nas scismas divioas do coração innocente, ao ver a mulher bella abandonada nos langues caprichos da danza, retribuindo com um dos raios de seus olhos de fogo os protestos que, se lhe desgostam o coração, lhe incensam a vaidade ?

Ninguem !...

Mas na solidão, triste e abandonado, o poeta morria !

Amára o anjo, não podia adorar a mulher !

Nos sonhos ardentes da phantasia vaporosa, elle vio-a divina como a esperanza que acalentava, pura como a crença que animava, meiga como a lyra

que vibrava ! Vio-a scismando á tarde, e amou-a ao crepusculo ; contemplou-a pensativa ao luar, e adorou-a á noite ; extasiou-se ante a virgem melancolica ao surgir a aurora e idolatrou-a na manhã !

E depois vio-a nas salas : o sonho se desfizera ; a illusão evaporára-se ; a miragem desaparecêra.

E sobre a lousa de seus sonhos, suas illusões e suas crenças deixou o poeta cahir o pranto sentido do desengano cruel.

Chorou... e morreu !

Pobre poeta ! admirára-o a mais simples das transformações !

Elvira era uma mulher !

LUDOVICUS.

Na walsa

No meio de flôres, coberta de sedas,
Com joias custosas, em rico festim,
Eu vi-te, donzella, sorrindo, brincando,
Nas azas da walsa, na walsa sem fim !

Em doces volteios teu corpo arquejava,
Brilhavam-te as faces de vivo carmim,
E tu, descuidosa da vida, do mundo,
Voavas nas azas da walsa sem fim.

E quando o cansaço te fez vacillar,
E o rosto tornou-se da côr do jasmim,
Eu ebrio de amores chamei-te prostrado :
Donzella, não walses, não walses assim !

Mas sem me attenderes, voando no espaço,
Formosa e galante qual um cherubim,
Eu vi-te com as tranças já soltas ao vento
Walsando, walsando sem pena de mim !

Zeloso, abatido, curtindo amargores,
Donzella, exclamei : não walses assim !
Mas tu me sorrindo teus olhos cerraste,
Correndo na walsa, na walsa sem fim !

E quando de novo, em louco volteio,
Já roto o vestido passaste por mim,
Não eras da terra, p'ra o céu adejavas
Nas azas da walsa, da walsa sem fim !

Então delirante, de todo perdido,
Querendo roubar-te da walsa sem fim, ,
Prostrei-me a teus pés, por Deos suppliquei-te :
Oh ! basta, donzella, não walses assim.

ARTIDÓRO.

Á TARDINHA....

Vem, miragem melancolica de um dia suavissimo, sombra querida de meus pallidos sonhares; a tarde desce, e minh'alma te busca no deserto !

Vem sentar-te a meu lado, á sombra do ingazeiro : o ultimo reflexo do sol allumia o vale e as brisas das montanhas beijam-nos sorrindo.

Escuta um momento o murmurio do arvoredos. Que te diz elle ? Suspira ! Ama talvez a onda azul filha dos mares, que se expraia no deserto ; ama, e suspira ao vêr o sol dourar com um ultimo reflexo a linda face do oceano, porque lá, na immensidade azul das ondas, existe o sonho bello de suas noites, impossivel sempre para elle.

Escuta... elle geme, beijando-nos com tristeza ! A' sombra delle sentimo-nos opprimidos ; ergamo-nos, não escutemos estes melancolicos harpejos de um amor infeliz : vamos contemplar o céu azul e sem mancha.

Olha, vês aquella frota de nuvens que desfralda aos ventos suas flamulas douradas ? São os anjos que navegam no céu.

Lá, naquella batel de nuvens multicôres que se destaca do horizonte, dorme o nosso futuro, velado pelo anjo da saudade !

Lá, naquelle remanso de felicidade, existe o nosso paraíso, tal qual o sonhaste um dia em teus sonhos deliriosos !

Lá, só lá, no placido azul antes das nuvens,, quando o mar estender-se solitario, poderemos viver esse viver do coração, que se confunde com o perfume das flôres, com o mormurio dos ventos, com o orvalho dos céos.

Nosso paraíso é lá ; um dia confundiremos nossa existencia com os perfumes suavissimos dos lirios e das rosas que desabrocham nos seios de Deos.

JULIA DA COSTA.

Tres nomes

Ella passou... e minh' alma
Guardou-lhe as fórmas tão bellas
Como o lago azul no seio
Guarda do céu as estrellas !
E de seus languidos olhos,
Que do céu trazem a côr,
Um olhar n' alma escreveu-me
Um nome do céu — *amor* !

O amor, a alma d' alma
Tu lhe não deste, meu Deus !
Nos roseos labios divinos
Tinha o sorrir dos atheos !
Nos olhos trazia o céu...
E o nada no coração !...
Minh' alma triste e sózinha
Chamou-se — *desillusão* !

A desillusão... que nome
Em vez de um nome tão bello !
A desillusão — phantasma
Feito de sombra e de gelo !...
Mas leva-me o pensamento
Aos dias de f'licidade...
Ai ! minh' alma scismadora
Hoje se chama — *saudade* !

LUCIO DE MENDONÇA.

N'um livro intimo

Quando arrancares deste livro a folha
mais negra que elle tem
rasga este nome que deixei perdido,
sultana, em teu harém !

Fique contigo a sós. Neste sacrario
do nosso antigo amor
não consintas a aspide cruenta
tocar sequer na flôr.

Tu sómente o verás. Por confidente
nenhum melhor que o seio ;
não saiba o mundo que eu sentei-me outr'ora
dos teus festins no meio.

Tambem não saiba que eu manchei as folhas
deste livro tão santo,
e misturei nos risos de teus labios
as gotas do meu pranto.

Rir-se-hia de ti... Dos teus encantos
talvez nublasse o céu ;
o teu perdão de nada me valêra,
e eu seria um réo !...

E' por ti mesmo que me assusta a pena,
é pelos dotes teus ;
a dous sêres sómente eu curvo a fronte :
a ti, mulher ! e a Deos ! . . .

Quando arrancares deste livro a folha
mais negra que elle tem
Rasga este nome que deixei perdido,
sultana, em teu harém.

AMÉRICO VESPUÇIO.

MELODIA

Era em S. Paulo, terra dos amoladores, dos pagodes e das orgias.

Alli a natureza e o homem mostram-sê em sua grandeza ; lutam em desvarios, e se um tem frio o outro tem calor, e se chove e se cahe saraiva, se gela, se relampeja, lá vai o homem de taverna em taverna em busca de *cognac*, de briga, de aventuras e de ruido.

Alli tudo é immenso ; *horresco referens*, tudo alli é divertido.

Estava eu em uma republica de estudantes, eramos uns oito : fumava-se e discutia-se. A noite ia alta e era bella, as estrellas tremiam no ether e seus lumes scintillavam como puros diamantes, a lua em cochins de velludo derramava esteiras immensas de luz, a aragem branda e snave rumorejava por entre as flôres, e nós, em nuvens de fumo e a mente emfebrecida pelos vapores do *rum* e do *cognac*, discutiamos sobre as lendaç e cantos do Norte, e era uma linda discussão, por Deos que sim !

Ante nossos olhos deslisavam-se em grupos os proceres de tanta legenda deserta, loquaz, basta de encantos a fluctuar nos ares, cingidas ainda de fagulhas pallidas e tremulas de um fogo descolorido... viamos os rouxinoes annunciando a um amante, uma menina cahindo em poder de um homem do mar que a escondia na gruta de crystal, ouviamos os sons daquella harpa que em tangendo-se todos haviam de dansar; fallavamos daquella poesia sueca a—*princesa encantada*—, em que, em um castello de ouro, um rouxinol seduzia os viandantes com a melodia de suas volatas, rouxinol que fallava e regeitava pennas de ouro e collar de perolas, rouxinol que era leão, urso, serpente e dragão.

Depois de sylphos, fadas, lagos alvacentos, elfos, gnomos, depois de tudo quanto a Allemanha e os paizes nevoentos possuem de bello, com esphacelamento n'alma, nós todos nos sentiamos aborridos.

De repente, porém, a porta da sala abre-se e entra apressada uma visão. Sim, que não era senão uma visão.

Erguêmo-nos todos: era uma mulher, com os trajos em desordem, os cabellos louros, crespos, ondulantes, os olhos azues, voluptuosos e cheios de lagrimas.

Vi essa mulher e amei-a.

Melodia era o seu nome, era allemã, e tinha

vinte annos ! Que poema e que coração a abrir-se em perfumes e doçura !

Nascêra em um dia encantado : o céu era de um azul purissimo, o sol tinha mais ouro e purpura nos seus raios, as flôres mais aromas, as brizas mais frescura e o mar mais queixumes !

Melodia era um mimo de encantos !

Acabava ella de vêr suicidar-se seu amante, um infeliz, um inglez que em cinco mezes esbanjará uma fortuna, contrahira dividas e falsificára firmas.

Fôra ahí á republica implorar soccorro.... e emquanto os outros corriam a presenciar a scena de um inglez que de olhos abertos, hirto e frio, aniquilára-se em um momento de febre, eu.... abraçava louco a bella allemã, cahia a seus pés, depois... bebia suas lagrimas e em seus labios recebia um halito offegante que dissereis susurros olentôs da briza.

Mais tarde sahi de S. Paulo com Melodia, busquei Pernambuco; amava a essa mulher como se ama a uma virgem itemerata e gozei muito.

A minha fortuna terçou-me ensejo para o prazer, mas no fim de oito mezes estava fallido ; estava pobre : os credores me perseguiam, e Melodia, pyrilampo que salta e brilha e some-se, fugio, deixou-me entregue ao desespero, ás mais cruciantes agônias.

Procurei-a enquanto tive forças. Vim para o Rio de Janeiro ; aqui uma doença infernal derrubou-me no leito da dôr; voltei à casa de um tio, que enviou-me à Europa, onde cheguei curado das paixões da mocidade e cheio de experiencia.

Não mais vira Melodia, nem della me lembrára.

Uma noite, porém, em passeio com dous estudantes por uma das melhores ruas de Lisboa, ouvi uma voz que acordou-me todas as fibras d'alma e fez-me lembrar um mundo de illnsões e de amor que em tempos de alegria e encantos gozei : cantava ella ao som do piano aquella aria do *Rigoletto* :

*La dona é mobile
Qual piuma al vento
Muta d'accento,
I de pensieri.*

Oh ! eu conheço aquella voz ! E'.... de uma Magdalena allemã. respondeu-me um dos estudantes ; chamou-se outr'ora Carlota Melodia, porque possuia uma voz de soprano de tom subido, fresca e harmoniosa, e hoje é mulher do conde....

Eis como é o mundo : — a *pieuvre* regenerára-se, de donzella que fôra em sua terra, tornou-se *Marion*, de *Marion* juntou-se a um *baiixo* italiano, percorreu os theatros da Italia sob o nome de Mme. Pértle e hoje

em Lisboa reúne em torno de si boa sociedade, adoradores, e passa por uma senhora de bom coração, protectora dos desvalidos, caritativa, etc., etc.

E eu, que naquelles tempos diria : *Deus nobis hæc otia fecit*, hoje amo o trabalho como a lei suprema do ser intelligente e livre na phrase de Laménais.

VERISSIMO DO BOMSUCCESSO.

Na rêde

Uma noite, eu me lembro, ella dormia
Recostada na rêde mollemente,
Quasi aberto o roupão, solto o cabello,
E o pé descalço no tapete rente.

Estava aberta a janella... um cheiro agreste
Exhalavam as silvas da campina,
E ao longe n'um pedaço do horizonte
Via-se a noite placida e divina!

De um jasmineiro os ramos encurvados
Indiscretos entravam pela sala
E de leve impellidos pelo vento
Iam na face tremulos beijal-a.

Era um quadro mimoso! A cada affago
Mesmo em sonhos a moça estremezia,
Quando ella serena a flôr beijava-a,
Quando ella ia beijal-a a flôr fugia.

Dir-se-hia que naquelle mago instante
Brincavam duas candidas crianças ;
— A brisa que agitava os ramos verdes
Fazia-lhe ondear as negras tranças!

E a folhagem volvia a procural-a,
Mas logo vendo-a despertada a meio
P'ra não zangal-a sacodia alegre
Uma chuva de petalas no seio !

Eu fitava esta scena graciosa
E murmurava com a voz sentida :
« Oh ! flôr, tu és a virgem da campina !
« Virgem, tu és a flôr de minha vida ! »

C. ALVES.

Ninguém ! Ninguém !

Dans ces climats . . . tout est sourd à mes cris

MME. DU BOGAGE. (Tragedie.)

Embora eu verta meu sangue
Neste pranto que derramo,
E louca pense na morte,
A quem desvairada chamo,
Não tenho um peito sincero
Que me responda : — Eu te amo !

Ninguém entende este pranto
Chorado na solidão,
Embora seja-o de sangue
Ninguém m'ó entende, não,
Nem esta dôr tão ardente
Que me estala o coração.

Em vão imploro ao regato
Um lenitivo a meu mal,
Aos passarinhos, ás selvas,
A's lindas flôres do val. . . .
Minha vida é sempre a mesma
Nesta solidão moral.

Assim se passam meus dias
Nesta dôr que não se acalma,
Só legando-me o destino,
Do martyrio a triste palma!
— Ninguem meu mal comprehende,
— Ninguem entende a minh' alma !

ANNA ELY.

LOURENÇA

(NOCTURNO)

Lourença era bella como a criação soberana do artista inspirado.

Alva como o lirio, dissereis que como ao lirio a mais leve bafagem abatêra aquella debil menina.

Liam-se-lhe nos almos reflexos dos ceruleos olhos promessas do céu, e o sorriso que pairava-lhe nos humidos labios era encantador como o devem ser os sorrisos dos anjos.

Tinha dezeseite annos, e nunca amára.

Mas, um dia, em um passeio dado nos arredores da villa, que lhe fôra berço, entre os companheiros do bando folgazão, Lourença encontrou um moço, em cujo rosto o Creador imprimira os nobres traços de varonil belleza, e fundas magoas, claros vestigios de dôr atroz.

E, ao vê-lo, a menina experimentou ignota sensação.

Purplearam-se-lhe as faces de cecem, o seio arfou-lhe em convulsão fremente, e nos olhos luzio-lhe a chamma de subito amor.

O moço, porém, embebido em cogitações acerbadas, preocupado talvez com uma lembrança dolorosa, não percebia que era o objecto de contemplação muda e extatica, porventura de intenso culto, de paixão immensa.

E, lançando olhar indifferente para os alegres companheiros, deixou-os, dizendo que ia visitar os arredores.

Lourença esperou que se afastasse, e seguiu-o depois.

Eduardo, immerso em profunda meditação, caminhava inconscientemente, em accesso de somnambulismo, insensível ás impressões exteriores.

Nem os lédos cantares dos passaros, nem os primores do campo banhados pelos vividos raios do sol nascente, lograram distrahir-o dos pensamentos tristes, a que parecia entregue.

E caminhava em direcção á ponte que dominava o rio, que rega aquellas ridentes paragens.

Quedou no meio della, e encostou-se ao parapeito. Com o rosto firmado entre as mãos, seguiu o curso da onda rumorosa, e dos olhos brotaram-lhe lagrimas ardentes que inundaram as suas pallidas faces contrahidas por afflicção pungentissima.

Lourença, de um comoro sobranceiro ao rio, assistia á muda agonia de Eduardo.

Por poderosa intuição, ouviu o soluçar daquella

alma afflicta, comprehendeu que estava alli um martyr de amor, e o aljofar de uma lagrima rejou-lhe o cilio e sorrio um sorriso triste como o do que despede-se da vida. Insensivelmente vergaram-se-lhe os joelhos sobre a alfombra do monte, e os labios tremulos murmuraram uma prece fervente, que as virações levaram rapidas ao throno do Senhor.

Depois ergueu-se. Nos labios descorados fluctuou-lhe ainda amargo sorriso, que significava a morte de uma esperanza querida. Embebeu no azul do céu o azul dos meigos olhos, cujo lume velava pranto sentido. Volveu-os, por fim, para o lugar em que Eduardo conservava-se immovel como a estatua da dôr, e encaminhou-se a reunir-se ás companheiras.

Na sua passagem, o sol veio n'um brando raio beijar-lhe os louros cabellos, as auras perfumadas, em flebis lamentos, enxugaram o pranto que condensava-se-lhe nas faces desbotadas por intimo padecer, e foram cantar no espaço carmes divinos, que traduzissem o martyrio da formosa moça.

A aurora verteu gelidas lagrimas sobre as flôres do campo, para que impregnassem de fragrantas exalações o ar que atravessava a divindade do soffrimento ; os pasaros trocaram por mestos cantares os alegres gorgeios, e as arvores inclinaram a coma alterosa para saudar, em sua passagem, a merencoria encarnação de um amor desditoso.

Um mez depois, na poetica villa de o sino tanguia dobres funereos, e a multidão calada e constricta, trajando vestes ltuosas, acompanhava a pé, de cirios acesos, ao cemiterio do logar, o feretro de Eduardo.

Em todos os semblantes transparecia uma dôr sincera. As lagrimas que deslisavam-se pelas faces dos que formavam o sahimento, os gemidos que exhalavam-se de todos os peitos, os lamentos da familia do finado, as pancadas soturnas do sino do campanario cõmpunham um hymno plangente, um concerto de indizivel agonia.

Era que Eduardo merecêra as sympathias daquella rude gente, que não sabia apagar as aureolas que circumdam as fronte dos desventurados, nem apupar aquelles para quem os infortunios cortaram na ronagem da existencia as palmas do martyrio.

Era que Eduardo — o moço poeta — como o chamavam, morrêra victima de uma traição de mulher, e aquelles homens simples e generosos não sabiam contrastar com sorriso sarcastico o termo dos padecimentos do martyr de malfadado amor.

Lourença, ao receber, em meio de sua familia, a nova da morte de Eduardo, não entregou-se a manifestação de desespero.

Soube reprimir as lagrimas que saltavam-lhe dos olhos, suffocou o grito de angustia que partia-lhe das

entranhas, e, livida e arquejante, dirigio-se ao seu quarto.

Ahi, nesse recesso inacessivel a estranhos olhares, no seu santuario de virgem, a misera pôde desfogar a dôr cruenta, que dilacerava-lhe os seios d'alma.

Atirou-se ao leito, revolveu-se nelle preza de suprema desesperação, regou-o de lagrimas abundantes, e, por fim, exhausta de fadiga, cahio em completa prostração.

Passaram-se as horas, e a moça conservava-se naquelle terrivel estado de aniquilamento.

Despertou, por fim, da pesada lethargia, e fez um esforço para reunir as suas recordações.

Ouvio ao longe as toadas dolentes que convidavam o povo do logar para dirigir orações pelo que deixára a terra, e fôra no céu receber o premio das proanças, que lhe atribularam a existencia.

Ergueu-se por um movimento febril, as faces em fogo e brilho estranho no olhar.

Deu passos incertos e convulsos pelo estreito aposento, e, quando desvanecia-se nos ares a ultima vibração do sino do campanario, regorgitou-lhe nos labios uma gargalhada estridente, metallica, horrivel e prolongada.

A misera enlouquecêra.

Depois abriu a porta, sahio de casa, atravessou a povoação e perdeu-se nos campos.

As nuvens negras que acastellavam-se no horizonte prehes de electricidade e o vento que rugia nos descampados denunciavam tormenta imminente.

A noite estendia sobre a face da terra frio sudario de nuvens lutulentas.

Em breve desencadeou-se temerosa a procella.

Relampagos successivos sulcavam os ares ; os raios estalavam com horrído fragor ; os ribombos dos trovões iam acordar os echos longinquos, o vento entôava cantilenas de morte por entre as franças do arvoredo, e chuva abundante alagava os campos.

^Era um spectaculo pavoroso, soleinne e tetrico.

E Lourença corria pela planicie extensa. Allumiava-lhe os passos a luz dos relampagos e alentava-a a febre do amor, se não a realização de um pensamento sinistro.

Correu por muito tempo, e por fim, offegante e alquebrada de cansaço, chegou á ponte onde vira Eduardo inclinado sobre as aguas.

Deteve-se no logar em que elle conservára-se. Galgou o parapeito, /utou instantes, e atirou-se ás ondas.

O rio, na torrente impetuosa, tragou a Sapho sublime, e os relampagos, que aclaravam intermitentemente aquella noite trevosa, deixaram vêr ao

longe as alvas roupagens de um corpo, que era arrebatado pela correnteza.

No outro dia, foi encontrado o cadaver de Lourença, em logar distante.

Trouxeram-no para a povoação. Cavaram-lhe a sepultura nas arêas da praia, junto a um chorão que debruçava as rainas sobre o crystal do rio, e as virgens da aldêa vieram em piedosa romaria ennas-trar-lhe de flôres o sepulchro e pendurar grinaldas entretecidas de rouxas saudades no topo da cruz que indicava o logar onde jazia a martyr de amor.

Era á hora do declinar do dia.

As brisas gemiam threnos magoados por entre as folhas das arvores, que balouçavam a verde ramagem sobre as aguas mansas, as quaes soluçavam nas alvas arêas nenias sentidas, emquanto aves canoras desferiam cantos peregrinos, cujas notas dolorosas, em presença da immensidade, no seio daquella solidão augusta, em hora tão propicia á tristeza, faziam brotar dos olhos lagrimas ardentes e arrancar dos peitos fundos suspiros.

E em noites de tempestade, quando o vento surrava por entre as frondes da selva e agitava as aguas do rio, o raio fendia as nuvens e o trovão rolava nos abysmos do espaço, dizia a gente credula do logar que, ao livido clarão de deslumbantes relam-

pagos, viam-se boiar sobre o dorso das ondas revoltas as brancas roupagens de um corpo de mulher formosa — pallida ondina, cujo somno era embalado pelo marulho das vagas e pelo concerto medonho dos elementos desencadeados.

B. COELHO.

O meu pombal

Do terno casal de pombos
Que tu me deste, Maria,
Originou-se este bando,
De meu quintal alegria.

Ao vel-os no doce arrulho
Pennas, plumas arrufando,
As horas passo esquecido,
A vida vivo lembrando!

Ao pensamento me acodes
Rica de amor e ternura
E ouço dentro do peito
Um arrulhar de ventura.

A's vezes batendo as azas
Em busca vão d'outros lares,
Com elles vão-me os cuidados,
Com elles os meus penares.

E fico sózinho e triste
A ver o pombal deserto,
Me parecendo que tenho
A felicidade alli perto !

Assim meus sonhos em bando
P'ra longe voam do ninho,
Até perderem um dia
Do coração o caminho.

Então verás a minh' alma
Viuva de amor, Maria,
Pombal deserto — sem vozes,
Nem arrulhar de alegria.

JOAQUIM G. PIRES DE ALMEIDA.

Saudade

O que me resta pois?

Resta a saudade, que alimenta a vida
A' luz do facho que adormenta a dôr.

(G. DIAS.)

Feliz tempo era aquelle, pois não era ?
Em que p'ra nós o mundo era de flôres,
E a estação florida dos amores
Era p'ra nós perenne primavera.

Feliz tempo era aquelle ; teus olhares
Os meus olhos buscavam namorados,
E viviamos de amor extasiados,
Sem conhecer revezes nem pezares.

Corria a vida então toda bonança,
Como a ave feliz que corta os ares,
Ou bem como um batel, sulcando os mares,
Tendo por guia a fé, rumo — a esperança.

Quantas vezes então, após labores,
Eu recostava a fronte de cansado,
E sonhava mil sonhos, acordado,
No teu seio gentil, ninho de amores!

Quantas vezes, ardendo em mil desejos,
Teus lábios em suspiros promettiam
Um mundo de ventura; e os meus diziam
O que podem dizer ardentes beijos!

Feliz tempo era aquelle! Ai! quem me dera
Encontrar como outr'ora as mesmas flôres,
E a florida estação de meus amores,
E a extincta, já morta primavera!!

E hoje o que me resta desse tempo
Tão feliz que passou?
Onde os sonhos dourados de ventura
Que minh'alma sonhou?

Hoje resta-me apenas a lembrança
Do meu passado amor, da morta crença,
Emquanto sob as azas da descrença
Dorme p'ra sempre o anjo da esperança.

Hoje resta-me apenas a saudade,
Flôr que brota no chão das agonias,
Mas que recorda ao triste os bellos dias
Da quadra tão feliz da mocidade !

Flôr que murcha ao bafejo da ventura,
Que se nutre de prantos e de dôres,
Companheira, fiel nos dissabores,
Companheira fiel na sepultura .

M. SAMPAIO.

Embalde

Mulher, já viste n'aridez d'um peito
Que o sol ardente do pensar crestou
Brotar ainda com virentes galas
A pobre planta que o descrer murchou?

Ai! não, que o galho, no passar do vento
Lascou do tronco, que morreu também,
As folhas seccas d'esperanças mortas
Nem as caricias do favonio tem...

Assim qual planta, que o tufão inclina
Jámais revive seu passado em flôr!
Assim embalde de meu peito virgem
Queres anhelos do passado ardor!

Queres que minta? que te finja?... queres;
Embalde pedes, o fingir é teu!...
Quebrei o prisma d'illusões douradas
A flôr dest' alma que a sorrir morreu!

Mas não és bella. . . e a belleza é ara
Que o mundo incensa com fervor mentido,
Dar-te-hão preces, muitas flôres, risos,
Suspiros ternos, que eu não dou descrido !

Não, que eu não posso t' offertar os threnos
Que partem d'alma. . . . já outr'ora os dei.
Sublimes crenças que creei em sonhos
Fugiram todas co'a mulher que amei! . . .

GERMANO DA COSTA.

Habent sua fata

1857

Representava-se essa nôcte Ernani no theatro lyrico do Campo da Acclamação, e cantava Tamberlik.

Bom tempo !.....

Diante do sêo psychê, moldurado em mógno, Erminia, a fada do capriço, a sphinx do amôr, revia-se distrahida e ligeiramente trêmula. A impaciência franzia-lhe por momentos os nacarados lábios..... e o pézinho batendo sôbre a esteira que forrava a elegante alcôva bem revelava os impetos que lhe-iam pela alma !

Porque não partia ?

O spectáculo começava ás 8 horas, e as nôve ja tinham rebôado pelo spaço.... A criada appresentava-lhe a capa....

O coupê sperava á porta.... E, fogósos e irrequietos, sêos cavallos do cabo escarvavam e faulavam os parallelipedos da Rua do Lavradio.....

E porque não partia ?

Erminia, o louro nume do *demi-monde*, sperava por certo alguma cousa. Era facil de advinhal-o

pela tenaz attenção que prestava aos menores ruidos que lhe-subiam da escada....

Offegava... ageitando convulsamente as flôres mais insubordinadas do sêo artistico penteado. De repente um rumor significativo de passos açodados echoou pelos dous andares da caza....

Desfizeram-se as rugas da frente, evaporou-se a côlera do semblante, e a Dêosa, patenteando que o-era no andar, arrastrou voluptuosamente a longa e ondulante cauda, e foi ao encontro do.....

Do jockey, do criado de um poêta que lhe-trazia da parte de seu enamorado amo um *bouquet*, tão splendido na fôrma, quanto rescendente de perfumes.

O bouquet ostentava no centro um magnifico botão de magnôlia, e em tôrno uma larga zona de violetas de Petrópolis.... dignas rivaes das Parmezans.

Mas não era êste sêo maior merecimento.

Da extremidade do cálice pendia, prêso por uma fitinha azul, um *enveloppe* ainda mais olorôso que as flôres do ramilhete.

Erminia rasgou-o, e leu sobre uma página assestinada esta mimosa strophe :

A' flôr das mortaes —as flôres
que a terra produz e cria....
mão que as-adora e respeita
côlhe, beija, inlaça e invia !...

Nunca improviso de poeta apaixonado foi mais feliz do que ésta quadrinha do incógnito namorado ! Erminia beijou a fita, a strophe, as flôres... Inrolou a fita na poezia e guardou-as no sêio palpitante e perfumôso... Empunhou o bouquet e, lançando um ultimo e synthético olhar sobre a sua magnifica *toillète*, passou como um meteóro—quaes os que imagina Toussenet cheios de luz e de arômas—do segundo para o primeiro andar, e dêste para a rua, onde, chegando, atirou-se languidamente sobre as macias almofadas do coupé, e, imitando a briza, ciciou aos ouvidos do groom que lhe-feçhava a portinhóla : —Theatro Lyrico !...

Ahi—o rútilo meteóro, convertido em astro, ostentou por mais de duas horas n'aquelle firmamento aristocrático a magnificência do sêo disco, e o splendôr do sêo satéllite, estrella da conjuncção do amôr, delicioso mimo de um poeta querido !...

Para os venturôsos spectadôres que os-ponderam admirar a ambos, os actos eram as nôctes, e os intervallos os dias, porque, apenas descia o panno, o planeta desaparecia, para surgir de nôvo aos primeiros acôrdes da orchestra que lhe-serviam assim de dilúculo e alvorada.

Por fim o astro eclipsou-se... e mais de um coração guardou embevecido a lembrança d'aquelle nôcte, e inveja d'aquelle bouquet.... E quanta não teriam do

poéta si houvessem, como nós, leitores, presenciado a scena do voluptuoso toucadôr.

Ai !.. Não tinham por certo de que !.. Na manhan do dia seguinte, á mesma hora em que *ella* dormia, o varredor do theatro encontrou a um canto do camarote n. 30, da segunda ordem, e levou de degráu em degráu hattê a porta nas ponctas de sua antipoética vassoura um ramilhete murçho, tendo no centro um circulo de ferrugem, e em derredór uma zona cinzenta....

Era o satéllite... provavelmente calcinado e decahido do sêo *systema* planetário por algum tremendo cataclysmo !..

Quanto á strophe e á fitinha, ainda abraçadas dormiram áquella nôcte, e longo tempo depois, debaixo de um par de chinelas de homem, no quarto de dormir !

Tal fôï a pressa ou a preocupação da dêosa ao despir-se, de volta do theatro, que as-deixou assim cahir e squecêr ! Como os libellos... as flôres tambem teem o seu destino. *Habent sua fata*, com perdão das leitôras !

E' triste... è pungente tudo isto... mas felizmente ha duas verdades n'esta historia.

A primeira é que o poéta... fez, mas não mandou a

quadrinha ; improvisou-a para servir a um amigo enamorado...

A segunda é que não me-consta, hatté o momento em que stou screvendo estas linhas, que êsse amigo se-tenha suicidado, ou mesmo deixado emmagrecer !...

Que querem ! Como ella, e como elle... são todas, e são todos !

DR. CAETANÓ FILGUEIRAS.

Fiz mal

Fiz mal em deixar minh'alma,
Presa de doce ventura,
Retratar-te a formosura,
Sonhar amores por ti! . . .
Fiz mal, bem sei, em olhar-te,
Em te ouvir a voz canora,
Em adorar-te— senhora,
Fiz mal, bem mal, ai de mi!

—

Amei-te— e louco, na vida
Só tendo encontrado espinhos,
Como pude aos teus carinhos
Eu tão cedo despertar?
Como pude, eu vario e triste,
Nas azas do teu sorriso,
Remontar-me ao paraíso
E— Tântalo— me despenhar?

—

Ai, perdão!— ah! não maldigas
Este amor que me devora;
Por elle tenho, senhora,
Vivido sem fé, nem luz. . . .
Vi-te e foste o meu santelmo,
Meu fanal, e esta ventura
Pode adoçar-me a amargura,
Tornar leve— a minha cruz!

Amei-te, sim ! . . . se te fujo
O meu amor mais se augmenta,
Que nesta negra tormenta
Por salvação tenho a ti ! . . .
Transpondo— o mar da desgraça
Cheguei— louco — p'ra adorar-te.
Fiz mal, senhora, em amar-te,
Fiz mal, bem mal, ai de mi !

—

Mas se— belleza divina,
Nessa existencia— dilecta,
Te ideares Julieta
Como eu me sinto Romeu ;
E compassiva Colomba
Quizeres um só instante
Nos teus braços, delirante,
Em beijos mostrar-me o ceu ;

—

A magoa que infiltra est'alma
Tu verás brotar em flôres,
E um ninho branco de amores
Ser-me este negro espinhal ;
Ser-me o céu téla— anilada,
A vida— empyreo sem nuvens,
E tu— ideal de Rubens,
O meu divino ideal !

Aquidaban

I

Brazileiros ! vós sois um grande povo !
vós rasgastes na senda do porvir
um ceruleo horizonte immenso e novo,
em que o sol da verdade ha de fulgir !

Vossos bravos co' strenuo, invicto gladio
quebrar souberam colossaes grilhões ;
e, tremendo ossuario, immenso estadio,
o Paraguay resurge p'ra as nações.

E' livre o Paraná ! monstro —mentira,
não mais prende-lhe os pulsos laço vil ;
o Adamastor do rio mal vos vira
abrio caminho ás quilhas do Brazil !

No dorso das montanhas, nas campinas,
nos paúes, nos sertões, na immensidade,
nossa bandeira ergueu-se entre ruinas,
porém era um padrão da liberdade.

Povo estrige ! renasce á luz do dia !
pisa o solo da patria, livre e só :
alça a cerviz !— é morta a tyrannia,
encara a luz ! — o teu tyranno é pó !

II

E' longe, é n'um deserto— e vós dirieis
que a voz dos homens lá não chega ao céu ;
mas na noite do prelio alli verieis
uma mulher envolta em branco véo.

Prateia a lua o plaino solitario,
não se ouve na terra um só rumor ;
Deos compassivo estende alvo sudario
sobre os mortes no campo do furor.

Onde o ferro atrevido de um valente
às iras do tyranno dera fim,
assentou-se a visão, e em voz cadente
às auras guaranys fallou assim :

« Venho de Deos : — anjo errante,
deixo o docel do Cruzeiro,
deixo os meus céos cõr d'azul ;
venho colher triumphante
o meu laurel derradeiro
nestas planicies do sul !

« Por onde passo na terra,
um rasto de sangue e pranto
assignala os passos meus ;
feliz do que cahe na guerra !
os martyres do pleito santo
tem logar junto de Deus !

« Saudou-me o Grego em Platéa,
abraçou-me em Salamina,
desperto do prelio ao som :
reviveu a minha idéa
além— na plaga argentina—
ao fuzilar de Moron !

« Romeira que jámais cança,
minha patria — a eternidade !
minha era — a de amanha !
Brazil ! meu nome é vingança. . . .
Paraguay ! sou liberdade,
sou filha de Aquidaban ! »

III

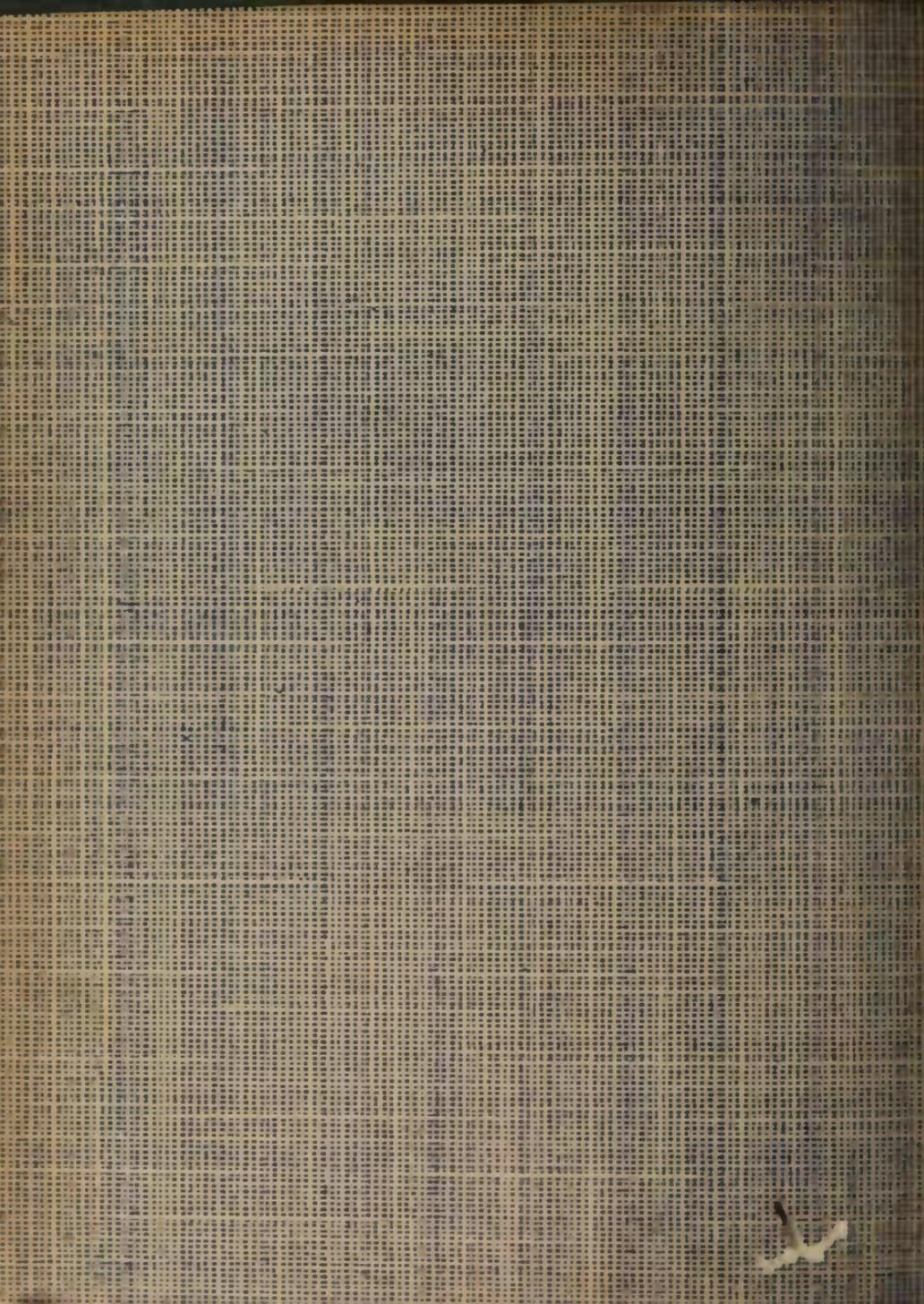
Calou-se o génio ;— e as vozes do deserto
que só sabem fallar na solidão,
reuniram-se em mystico concerto
p'ra responder ao canto da visão.

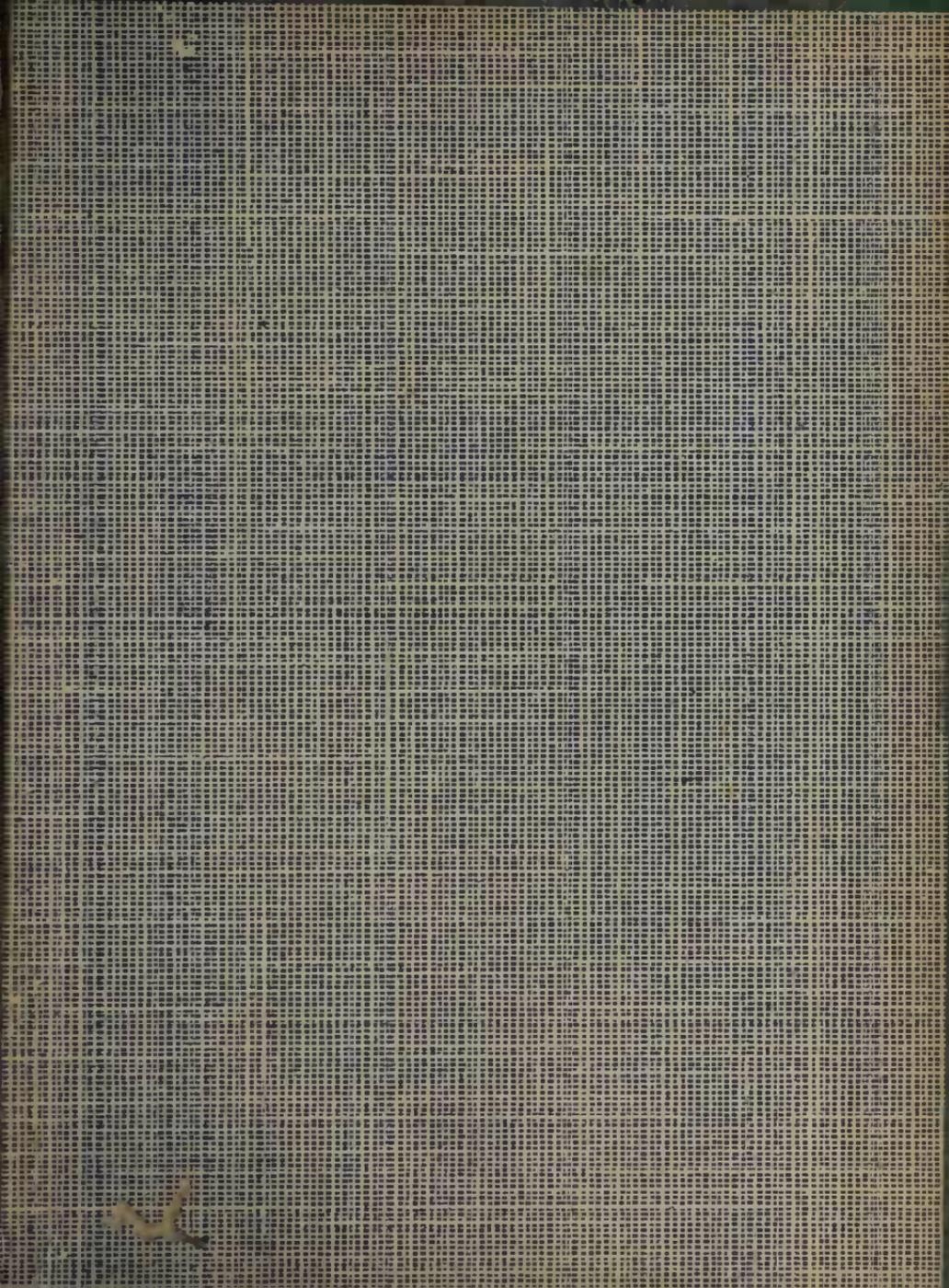
E o murmurio do rio gigantesco,
e as brizas e o gemer do palmeiral,
e a catadupa e o bosque pittoresco
repetiram n'um hymno festival :

Brazileiros ! vós sois um grande povo !
vós rasgastes na senda do porvir
um ceruleo horizonte immenso e novo,
onde o sol da verdade ha de fulgir !

CARLOS LAET.

FIM







BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).